

**GÊNERO E ASPECTO NOMINAL: DESDOBRANDO  
INDIVIDUAÇÃO\***  
**GENDER AND NOMINAL ASPECT: UNFOLDING  
INDIVIDUATION**

Daniel da Silva Carvalho<sup>1</sup>

Jair Gomes de Farias<sup>2</sup>

Dorothy Bezerra Silva de Brito<sup>3</sup>

**RESUMO**

Neste artigo, discute-se a função de gênero gramatical nos nominais e sua correlação com individualização. A partir de uma pesquisa exploratória sobre o comportamento dessa categoria e seus efeitos morfossintáticos em nomes, interlinguisticamente, e assumindo a proposição de partição de aspecto nominal apresentada em Rijkhoff (1991), objetiva-se evidenciar que gênero gramatical é especificado léxico-semânticamente na composição de individualização. Assume-se, pois, a hipótese de que a marcação gramatical de gênero determina diferenças de perspectivização dos nominais e que a marcação de gênero e de número são duas faces do traço aspectual CONJUNTO (RIKHOFF, 1991; CARVALHO; BRITO; FARIAS, 2020). Adota-se ainda como aporte teórico uma taxonomia geométrica de traços baseada em Cowper e Hall (2009), para uma formalização lexical de individualização, dentre os quais encontra-se gênero. Conclui-se que a realização das marcas de gênero possibilita leituras mais individualizadas de objetos, que podem ser genéricas ou particularizadas, e cuja estrutura lexical é apresentada a partir de um modelo de traços constitutivos (Teoria-phi (HARBOU; ADGER; BÉJAR, 2008)).

**PAVRAS-CHAVE:** Gênero; individualização; aspecto nominal.

**ABSTRACT**

In this paper, we discuss the function of grammatical gender in nominals and its correlation with individualization. From an exploratory research on the behaviour of this category and its morphosyntactic effects on nouns, cross-linguistically, and assuming the nominal aspect partition proposal presented in Rijkhoff (1991), our main goal is to show that grammatical gender is lexical-semantically specified in the composition of individuation. We assume, therefore, a hypothesis in which grammatical gender marking determines differences in perspective of the nominals and that gender and number marking are two sides of the aspect feature SET (RIKHOFF, 1991; CARVALHO; BRITO; FARIAS, 2020). It is also adopted as a theoretical support a geometric taxonomy of features based on Cowper and Hall (2009), for a lexical formalization of individuation, among which is gender. We conclude that the realization of gender marking allows more individualized readings of objects, which can be

---

\* Agradecemos aos pareceristas anônimos pela leitura acurada e sugestões relevantes que foram inseridas, na medida do possível, nas discussões feitas no texto. Todo e qualquer erro remanescente no texto é de responsabilidade exclusiva dos autores.

<sup>1</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Atualmente é professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA). O autor recebeu o apoio da Bolsa de Produtividade em Pesquisa – CNP, projeto nº 310302/2019-6. E-mail: danielcarvalho@ufba.br.

<sup>2</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e professor na mesma instituição. E-mail: jairgf@hotmail.com.

<sup>3</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Atualmente é professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – PROGEL. E-mail: dorothybsb@gmail.com.

generic or particularized, and whose lexical structure is presented from a model of constitutive features (Phi-Theory (HARBOU; ADGER; BÉJAR, 2008)).

**KEYWORDS:** Gender; individuation; nominal aspect.

## INTRODUÇÃO

Os sistemas de gênero<sup>4</sup> e de número nas línguas representam um importante vetor na análise gramatical. Segundo Aikhenvald (2016, p. 16), as línguas que apresentam marcação gramatical de gênero o fazem das mais diversas formas: sufixos ou prefixos, alternâncias vocálicas padrões tonais, mudanças acentuais. Número, por sua vez, apresenta um desafio para o estabelecimento de seus parâmetros de realização no elemento nominal.<sup>5</sup> Para Hale (1997, p. 75),

embora a categoria de número seja acessível, em um sentido óbvio, sua realização superficial em todas as línguas exibe grande diversidade, e muitas línguas individuais não conseguem apresentar os dados observáveis que nos permitirão obter o caráter fundamental das oposições envolvidas e, assim, aproximar-nos de uma compreensão da organização universal e dos inventários da categoria de número.<sup>6</sup>

Essa discussão não é novidade nos estudos da linguagem. Greenberg (1963) já propôs esse vínculo ao estabelecer o Universal 36: toda língua que possui a categoria gênero, também possui número. Nessa mesma linha de raciocínio, Dixon (1982) sugeriu um diagnóstico para identificar línguas de gênero gramatical marcado considerando três critérios, a saber: (i) a língua agrupa seus nomes em classes; (ii) a língua apresenta concordância entre o núcleo nominal e seus satélites (ex.: artigos, adjetivos, verbos) e (iii) a associação de classe aos nomes mostra uma considerável correlação semântica com o sexo (nos nomes animados).

Apesar de os sistemas de gênero gramatical nas línguas diferirem, partilham, para efeitos de distribuição, alguns elementos constitutivos das representações mentais em seus falantes. Línguas de gênero marcado, como o francês, o alemão e o português, ou de gênero parcialmente marcado, como o inglês, evidenciam uma característica comum no que diz respeito aos diferentes significados da forma masculina, quando usada para se referir a seres animados.<sup>7,8</sup> Nessas línguas, a forma masculina tende a ser usada exclusivamente para referir-

<sup>4</sup> Estudos de descrição linguística apontam que nem todas das línguas naturais possuem gênero gramatical ou alguma estratégia de língua equivalente à classificação de gênero (cf. MEILLET, 1982 [1921]; GREENBERG, 1978, CORBETT, 1991, 2015; AIKHENVALD, 2016). Fato curioso pode ser verificado em *The World Atlas of Languages* (WALS), de Dryer e Haspelmath (2013): das 257 línguas apresentadas na obra, 112 possuem a categoria gênero. Dessas, 50 possuem dois gêneros, 26 possuem três gêneros e 12 possuem quatro gêneros. Nas demais (24), têm-se a partir de 5 até 20 gêneros.

<sup>5</sup> Desconsideraremos, para os propósitos do presente trabalho, línguas que realizam número apenas em seus elementos verbais. Para uma discussão mais aprofundada, ver Corbett (2000).

<sup>6</sup> Do original: [w]hile the category of number is accessible, in an obvious sense, its surface realization across languages exhibits great diversity, and a great many individual languages fail to present the observable data which will permit us to get at the fundamental character of the oppositions involved and, thereby, to come closer to an understanding of the universal organization and inventories of the category of number.

<sup>7</sup> Abreviações usadas no texto: FEM/fem = feminino; NEUT = neutro; MASC = masculino; P = gênero plural; D = determinante; AC = acusativo; DEF = definido; INDEF = indefinido; SG = singular; PL = plural; PAS = passado; PF = perfectivo; MID = médio; 1 = primeira pessoa; 3 = terceira pessoa; prtc = participante; spkr = falante; addr = destinatário/ouvinte; def = definido; spcf = específico; anim = animado; hum = humano.

<sup>8</sup> A discussão sobre a tipologia de gênero não será feita no presente trabalho por uma questão de delimitação do escopo de discussão nesse artigo. É suficiente apontar a divisão feita por Gygaks et al. (2019, p. 3-4), que agrupa as línguas em 5 tipos de acordo com a realização (ou não) do gênero gramatical:

(I) Línguas de gênero gramatical – línguas cujos nomes humanos, animados e inanimados são classificados quanto a gênero.

se ao masculino ou de forma genérica, quando há referentes femininos e masculinos ou quando o gênero dos referentes é desconhecido ou irrelevante, como pode ser visto nos exemplos (1) e (2).<sup>9</sup> Curiosamente, no exemplo (2) a marca de masculino plural em *réus* é estabelecida por um sujeito que não apresenta marca morfológica de masculino: *Mulher de Eduardo Cunha*(FEM) e *mais três*(NEUT).

(1) [Dilma, Aécio]<sub>i</sub> e a Lava Jato. O que une o destino [dos [dois]<sub>i</sub>] finalistas de 2014 novamente é a Lava Jato.

(2) [Mulher de Eduardo Cunha e mais três]<sub>i</sub> viram [réus]<sub>i</sub> na Lava-Jato.

Em sua introdução a *How does a language acquire gender markers?*, Greenberg (1978, p. 49) define um sistema nominal de gênero como

um sistema no qual os lemas nominais de uma língua se dividem em um conjunto de gêneros, sendo essa distinção baseada no fato de que a escolha de um nome pertencente a um gênero particular determina a escolha entre um conjunto de formas alternativas de "concordar" com uma ou mais classes outras de morfemas ou palavras, por exemplo artigos, demonstrativos, adjetivos, pronomes anafóricos não ligados, pronome incorporado em um complexo verbal, etc.<sup>10</sup>

(II) Línguas com uma combinação de gênero gramatical e gênero natural – línguas que apresentam distinções gramaticais de gênero não apenas para nomes inanimados, como também para alguns nomes humanos.

(III) Línguas de gênero natural – línguas que não classificam nomes inanimados de acordo com os diferentes gêneros.

(IV) Línguas sem gênero com alguns vestígios de gênero gramatical – línguas que apresentam formas distintas de gênero apenas para nomes humanos e pronomes pessoais e algumas formas lexicais (de forma afixal).

(V) Línguas sem gênero – línguas que não apresentam distinção gramatical de gênero.

Línguas do tipo (I) apresentam distinção de gênero entre nomes humanos (ex.: professor/professora, filho/filha, em português; *enseignant/enseignante, fils/fille*, em francês), mas também em nomes inanimados (ex.: mesa(FEM) e livro(MASC), em português; *mensa*(FEM) e *libro*(MASC), em espanhol). Esses substantivos controlam a concordância de várias outras categorias lexicais, como determinantes, adjetivos ou pronomes. A atribuição de gênero é quase sempre semanticamente arbitrária em nomes inanimados, enquanto o gênero gramatical de nomes humanos mostra uma correspondência com o sexo do referente (apenas nos casos em que o filtro é morfológico). Em alguns casos, em línguas desse tipo, o gênero gramatical que denota o referente humano do nome é diferente de seu gênero lexical (ex.: *Mädchen*(NEUT), em alemão e *děvče*(NEUT), em checo, tendo como referente garota). Ainda, nomes humanos podem ter referentes masculino e feminino sem, entretanto, alteração da marca de gênero ex.: *personne*(FEM)/*individu*(MASC), em francês; pessoa/indivíduo, em português).

Línguas do tipo (II) não apresentam uma distinção formal (morfológica) entre masculino e feminino dentro da classe dos animados. No holandês, por exemplo, apenas os pronomes pessoais apresentam marca de gênero natural (ex.: *hij* = ele/*zij* = ela).

O inglês é um exemplo de língua do tipo (III), que não classifica seus nomes inanimados de acordo com diferentes gêneros. A maioria dos nomes humanos comporta-se de maneira semelhante (ex.: *teacher* (professor/professora), *politician* (político(MASC/FEM))). Pronomes pessoais apresentam marca de gênero natural.

O basco é um exemplo do tipo (IV), cujos nomes humanos e pronomes pessoais são usados para referentes masculinos e femininos sem distinção formal de gênero (ex.: *bere liburua* = livro dele/dela).

Finalmente, línguas do tipo (V) são aquelas em que a maioria dos nomes e pronomes humanos não é especificada para gênero. Se há distinções nos pronomes pessoais, farão referência a outros valores de classe, como animacidade (ex.: *hän* "ela/ele" = humano, animado vs. *se* "ela / ele" = inanimado, no finlandês).

<sup>9</sup> O exemplo em (1) foi extraído da manchete da coluna de Vera Magalhães da edição do jornal O Estado de São Paulo, de 18 de abril de 2018, disponível em <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,dilma-aecio-e-a-lava-jato,70002272921>, acessado em 27 de abril de 2020; o exemplo em (2) foi extraído da manchete da coluna do jornal O Globo disponível em <https://oglobo.globo.com/brasil/mulher-de-eduardo-cunha-mais-tres-viram-reus-na-lava-jato-1-19472360>, acessado em 27 de abril de 2020.

<sup>10</sup> Do original: [a] system in which the noun stems of a language are divided into a set of genders, this distinction being based on the fact that the choice of a noun belonging to a particular gender determines the choice among a set of alternative "agreeing" forms in one or more other classes of morphemes or words, e.g.: articles, demonstratives, adjectives, unbound anaphoric pronouns, pronoun incorporated in a verb complex, etc.

Comparando o estatuto categorial de gênero, nos moldes de Greenberg (1978), às demais categorias nominais,<sup>11</sup> percebe-se que gênero não é a única categoria que desempenha a função de produção de concordância. Em realidade, é ponto pacífico na literatura que a concordância entre elementos conectados na sentença resulta da interação de (pelo menos) três categorias nominais: gênero, número e caso. Ainda assim, apontam-se diferenças no tratamento dispensado a essas categorias: *número* é descrito primariamente como uma categoria semântica para distinguir singular e não-singular (plural, dual, trial, paucal, etc.); *caso* opera no nível sintático e é visto como uma categoria funcional, cujo papel é explicitar as relações entre os diversos constituintes da sentença.

O que se observa, então, é que caso e número não seriam definidos *a priori* em termos de estabelecimento de concordância, mas, pelo contrário, esta seria resultado das suas funções primárias. Em síntese, estaríamos diante de um metafenômeno envolvendo essas categorias.

Mediante o exposto, objetiva-se neste trabalho evidenciar que gênero é uma categoria léxico-semântica, com efeitos morfossintáticos, correlacionando a função de número com a função de gênero com base na hipótese de que a marcação de gênero e número são duas faces do traço aspectual conjunto, o qual possibilita leituras individuadas. Defende-se neste trabalho que gênero não apresenta uma função morfossintática exclusiva (concordância, por exemplo) que não possa ser satisfeita por outra categoria gramatical, tomando-se necessário fixar uma função para gênero que transcenda seu escopo na sintaxe das línguas. Gênero, como será discutido mais adiante, possui uma realidade cognitiva da mesma forma que número.

Desprezando-se o papel puramente sintático de caso, número e gênero parecem ser as únicas categorias nominais diretamente relacionadas a uma funcionalidade extrassintática. Essa funcionalidade da categoria número pode ser ilustrada a partir da distinção contável/massivo nos nominais. Como apontado por Rijkhoff (2002), a distribuição dos nomes em cumulativos e contáveis estaria relacionada com leitura aspectual dos nominais associadas a *aspecto coletivo* e *aspecto singulativo*, respectivamente. Segundo Rijkhoff (1991), aspecto nominal pode ser definido como o modo com o qual uma propriedade de um nome em relação aos traços FORMA e ESTRUTURA é representada na dimensão espacial. Assim,

se uma propriedade designada por um nome estiver marcada como tendo ESTRUTURA, isso significa que o referente que foi construído com base em tal nome é caracterizado como divisível. Ou seja, se o espaço para o qual essa propriedade existe fosse dividido, essa propriedade em particular ainda existiria. Se uma propriedade designada por um nome estiver marcada como FORMA, isso significa que o referente que foi construído com base nesse nome é caracterizado como tendo um contorno definido.<sup>12</sup> (RIJKHOFF, 1991, p. 293)

Assume-se que a quantificação dos nominais pode ser distribuída a partir da classificação aspectual acima descrita. Gênero, por seu turno, não apresenta um padrão morfossintático nos nominais, visto que, aparentemente, sua funcionalidade extralinguística se limita a nomes sexuais animados. Nesse sentido, a distribuição de um referente nominal é concebida linguisticamente por uma relação de subconjunto-conjunto de traços mais

<sup>11</sup> Adotaremos uma distinção entre **categoria nominal** e **classe nominal**. A primeira contempla os elementos categoriais gramaticais do nome (gênero, número, caso), enquanto a segunda designa categorias nominais (contável, massa, coletivo, abstrato etc.)

<sup>12</sup> Do original: [i]f a property as designated by a noun is marked as having STRUCTURE, this means that the referent that was construed on the basis of such a noun is characterized as being divisible. That is, if the space for which such a property obtains were to be divided, that particular property would still obtain. If a property as designated by a noun is marked as having SHAPE, this means that the referent that was construed on the basis of this noun is characterized as having a definite outline.

atômicos construída lexicalmente. Número e gênero são dois lados morfológicos de individuação e são a manifestação de traços aspectuais. A realização da marcação de gênero possibilita leituras individualizadas de objetos, determinando diferenças de perspectivização.

O trabalho está dividido em cinco partes: Introdução, que apresenta o problema em análise e as partes do artigo; a seção 1 explicita o conceito de aspecto nominal, que será fundamental no entendimento do papel de gênero gramatical e sua relação com número na individuação, haja vista que são tidos como resultado de um processo de coordenação conceptual; na seção 2, discute-se e -se analisa interlinguisticamente a correlação entre gênero e quantificação e suas implicações para leituras individualizadas; na seção 3, propõe-se uma formalização da estrutura lexical do nominal, com suas diferentes camadas funcionais, a partir das quais suas leituras aspectuais e representações morfossintáticas são possíveis; por fim, as considerações finais realizam um balanço das discussões.

## 1 Aspecto nominal: quantificação e distribuição

Aspecto nominal pode ser entendido como a maneira pela qual uma propriedade ou relação é representada em alguma dimensão. Predicados verbais e nominais têm sido caracterizados, de um ponto de vista cognitivo, a partir das dimensões espacial ou temporal. De acordo com Filip (2001), tais caracterizações são construídas com base na noção topológica de limite, no grau de extensão pontual ou estendida e na consistência interna como contínua ou discreta.

É nessa perspectiva que Rijkhoff (1991, 2002) propõe que, para além do aspecto verbal, que diz respeito à maneira como uma propriedade ou relação é representada na dimensão temporal, também há o aspecto nominal, que diz respeito à maneira como uma propriedade é representada na dimensão espacial, representada cognitivamente através dos traços conceptuais [ESTRUTURA]<sup>13</sup> e [FORMA]. A combinação desses traços gera os quatro valores aspectuais da Figura 1:

Figura 1: Distribuição de valores do aspecto nominal

ESPAÇO	ESTRUTURA não marcado	ESTRUTURA marcado
FORMA não marcado	<b>CONCEPTUAL</b>	<b>MASSA</b>
FORMA marcado	<b>INDIVIDUAL</b>	<b>COLETIVO</b>

Fonte: Carvalho, Brito e Farias (prelo)

O referente de um nome com *aspecto conceptual* é caracterizado por não ser divisível ou ter contorno definido. O referente de um nome com *aspecto de massa* não possui contorno definido, mas é divisível e, conseqüentemente, pode ter seu tamanho, peso ou volume medidos. O referente de um nome com *aspecto individual* não é divisível, mas possui contorno definido. E, por fim, o referente de um nome com *aspecto coletivo* é divisível e contém contorno definido.

No que concerne aos aspectos individual e coletivo, Rijkhoff recorre à ideia de Brown (1985) de que o referente de um nominal não representa objetos individualizados, mas conjuntos de objetos cujo conteúdo pode ser zero, unitário, binário etc.

Dessa forma, Rijkhoff propõe que os aspectos individual e coletivo são leituras de um aspecto mais amplo, conjunto, cuja marcação ou não gera objetos individualizados ou coletivos. Assume-se que FORMA e ESTRUTURA são categorias cognitivas universais que

<sup>13</sup> Utilizaremos colchetes para indicar um valor de traço.



podem ser decompostas em traços aspectuais mais atômicos, já descritos na literatura como traços morfológicos (HARLEY; RITTER, 2002; CARVALHO, 2008, 2019). Tal hipótese comunga com Friedrich (1970) a ideia de que categorias cognitivas como FORMA podem coordenar-se com outras categorias cognitivas, e podem materializar-se na língua a partir do que o autor chama de "substitutos gramaticais". Friedrich (1970, p. 404) aponta que

[em] muitas línguas [...] forma é estruturalmente coordenada com categorias como animado, humano, massa, abstrato, animal, botânico, pedra e similares. Em um sentido mais puramente conceitual, no entanto, as categorias de forma são coordenadas com quantificadores, com elementos vetoriais de direção (por exemplo, 'para dentro', 'lateralmente') e símbolos semelhantes envolvendo espaço (por exemplo, 'de dentro para fora') e nível ('acima', 'abaixo'). Em um sentido ainda mais amplo, e ainda conceitual, forma faz parte de um sistema mais abrangente, que também inclui relações de identidade e não-identidade, partição e subdivisão, definido e indefinido, pessoa, número e conceitos semelhantes nos níveis mais profundos da estrutura semântica. Muitas dessas ideias são codificadas pelos substitutos gramaticais [...].<sup>14</sup>

Argumenta-se, portanto, em favor da ideia de que número e gênero são a codificação morfossintática dessa "coordenação" conceptual e motivados léxico-semanticamente.

## 2 A relação entre gênero e individuação

Em um sentido epistêmico, individuação é uma atividade cognitiva na qual um conceito torna-se um objeto mental. Para individuar um objeto, o indivíduo destaca esse objeto como distinto da percepção ou referência linguística. Ainda, individuação se refere ao conteúdo semântico de um objeto, de como ele é concebido, independentemente da natureza gramatical do nome que denota o objeto extralinguístico (WEBER, 2000, p. 507).

Segundo Müller (2009), a individuação de eventos e de objetos é uma característica universal nas línguas naturais. Defende ainda que podemos representar cognitivamente o mundo como objetos individuados ou não. As línguas permitem que possamos mapear cognitivamente entidades não individuadas, que podem ser massivas ou cumulativas, como ilustrado em (3):

- (3) a. Tem gato na salada.  
b. O gato está miando.

(MÜLLER, 2009, p. 300)

Müller (2009, p. 300) analisa que *gato* em (3a) “pode estar se referindo a pedaços, indivíduos ou porções de um ou mais gatos” e em (3b), estar miando “pode se referir tanto a um único evento contínuo de miar ou a eventos intermitentes.”

Por outro lado, as línguas naturais podem se referir a objetos e eventos individuados, que podem ser quantificados, como ilustrado em (4), em que, de acordo com Müller (2009, p. 300), há “gatos e eventos de miar já atomizados – [...] denotações individuadas, ou contáveis, sejam elas singulares ou plurais (duas ou mais entidades ou eventos).”

<sup>14</sup> Do original: [i]n many languages [...] shape is structurally coordinate with such categories as animate, human, mass, abstract, animal, botanical, stone, and the like. In a more purely conceptual sense, however, shape categories are coordinate with the quantifiers, with vector elements of direction (e.g., 'inward', 'sideways'), and similar symbols involving space (e.g., 'inside-out') and level ('above', 'below'). In a yet larger, and still conceptual sense, shape is part of a more encompassing system which also includes relations of identity and non-identity, partition and subdivision, definite and indefinite, person, number, and similar concepts in the deeper levels of semantic structure. Many of these ideas are coded by the grammatical substitutes [...].

- (4) a. O gato miou uma vez/várias vezes.  
b. Os gatos miaram uma vez/várias vezes.

(MÜLLER, 2009, p. 300)

Objetos individuados não são necessariamente contabilizáveis, mas denotam um objeto discreto. Portanto, noções abstratas não são individuáveis. Nomes contáveis, por seu turno, referem-se à forma gramatical, são (obviamente) contáveis e pluralizáveis. Dessa forma, nome contável seria a contraparte de nome de massa, enquanto individuado seria a contraparte de abstrato. Somente nomes contáveis são pluralizáveis, enquanto nomes de massa não o são – exceto via individuação. Portanto, associando individuação e gênero gramatical, podemos identificar uma diferença entre as leituras geradas pelos dados em (5), no português.

- (5) a. Gato gosta de peixe.  
b. Gata gosta de peixe.

Em (5a), *gato* tem leitura coletiva, massiva, tendo como paráfrase lógica que "todo gato gosta de peixe", ou seja, tendo uma leitura universal da espécie. Por seu turno, em (5b), a marcação de gênero feminino em *gata* restringe sua leitura, tendo como paráfrase lógica algo como "no universo dos gatos, apenas as fêmeas gostam de peixe"<sup>15</sup>.

Outra evidência de que diferentes marcas de gênero acionam leituras quantificadas distintas é encontrada na formação de palavras por sufixação em português. Tomemos como exemplo os sufixos *-ada* e *-agem* que formam nomes com sentido coletivo e atribuem marca gramatical de feminino (ex.: menino/meninada; ramo/ramada/ramagem).

A parametrização de individuação através de gênero pode ser encontrada interlinguisticamente. Essa relação, inclusive, não é uma novidade nos estudos de gramática. Carvalho, Brito e Farias (2020) assinalam que ela é discutida pelo menos desde a linguística comparativa do século XIX. Estes autores, citando Brugmann (1897, p. 25), ilustram que, nas línguas indo-europeias, a função original dos sufixos femininos *-a-*, *-ie-* (*-i-*) seria formar nomes abstratos e coletivos, que poderiam ser contrastados com os nomes contáveis, marcados masculinos.

Ainda em consonância com o contraste da marcação de gênero gramatical verificado interlinguisticamente, pode-se perceber que em árabe, a marca de feminino indica leitura universal (6b), enquanto a não marcação, com leitura masculina, indica leitura quantificada.

- (6) a. ʔakal-tu tamr-an  
comer-1 tâmara-AC  
"comi (uma ou mais) tâmaras"  
b. ʔakal-tu tamr-at-an  
comi-1 tâmaras-FEM-AC  
"comi (uma) tâmara"

(FEHRI, 2019, p. 81)

<sup>15</sup> Um dos pareceristas *ad-hoc* questionou o valor de verdade expresso na sentença (5b): *gata gosta de peixe*, com a leitura individuada que os autores apresentam no artigo, pontuando que a sentença ela apenas afirma que fêmeas gostam de peixe, e não todas. No trabalho, não estamos parametrizando quantificação, nem analisando sentido apenas como entidade referencial, mas sim defendendo que individuação é condição lógica para quantificação.

Como aponta Vogel (1999), no alemão, nomes de massa derivados são majoritariamente marcados com feminino.<sup>16</sup>

- (7) a. (die) Mannschaft  
D.FEM time  
"time"
- b. (die) Schönheit  
D.FEM beleza  
"beleza"

(VOGEL, 2000, p. 466)

A relação entre gênero e quantificação acontece de forma complexa nas línguas cuchíticas, faladas na região nordeste da África, que apresentam o que alguns autores chamam de gênero *plural* (cf. MOUS, 2008, TSEGAYE; MOUS; SCHILLER, 2015; TSEGAYE, 2017).<sup>17</sup>

Segundo Tsegaye, Mous & Schiller (2015, p. 191), em konso, língua cuchítica falada no sudoeste da Etiópia, o gênero plural representa uma classe de nomes que requerem forma de concordância plural mesmo quando se referem a entidades no singular, ou seja, morfologicamente, engatilham marca de concordância plural, mesmo com leitura individuada. A concordância com esse sistema tripartido é marcada entre verbo e sujeito.

Os dados de konso em (8)-(10), extraídos de Tsegaye (2017), são exemplos do funcionamento desse sistema. Dessa forma, nomes femininos assumem a forma do sujeito de terceira pessoa feminina, marcada pelo sufixo *-t*, como apresentado em (8); nomes masculinos assumem a mesma forma do sujeito de terceira pessoa masculina, marcada pelo prefixo *-ay*, como em (9); e os nomes de gênero plural assumem a mesma forma do sujeito de terceira pessoa com múltiplas referências, marcado pelo sufixo *-n*, como ilustrado em (10).

- (8) lafta-si? i=akk-am-t-i  
osso-DEF.MASC/FEM 3=mostrar-PAS-3FEM-PF  
"O osso apareceu"
- (9) ḡoyra-si? i=akk-am-ay  
árvore-DEF.MASC/FEM 3=mostrar-PAS-PF-3MASC  
"A árvore apareceu"
- (10) kosaa-sini? i=akk-am-i-n  
celeiro-DEF.PL 3=mostrar-PAS-PF-3PL  
"O celeiro apareceu"

(TSEGAYE, 2017, p. 170-171)

Nos dados acima, verificamos que a marca de gênero nos nomes determina atribuição de marca de definitude a esses nomes. Nomes indefinidos em konso, por seu turno, não apresentam nenhuma marca morfológica para tal. Entretanto, indefinidos especificados

<sup>16</sup> Em alemão, gênero gramatical é distribuído nos determinantes como *die* – feminino, *der* – masculino, *das* – neutro. Como em várias outras línguas que possuem um sistema de gênero, esta categoria pode ser marcada em outros itens lexicais, como adjetivos, através de regras de concordância. Essa discussão, entretanto, ultrapassa o escopo desse trabalho.

<sup>17</sup> Para evitar confusão terminológica, Tsegaye, Mous & Schiller (2015, p. 191) utilizam o termo *plural* para referir ao valor de gênero e *referência múltipla*, para referir à multiplicidade de número, em oposição a *singular*.



apresentam uma marca de referência indefinida específica *takka* (FEM), *tokka* (MASC) ou *takkan* (PL), como ilustrados em (11), (12) e (13), respectivamente.<sup>18</sup>

- (11) alleeta takka=in pidǰ-af-ay  
 casa INDEF.FEM=1 comprar.SG-MID-PF.3MASC  
 “Eu comprei uma certa casa para mim”
- (12) ǰoyra tokka=in pidǰ-af-ay  
 árvore INDEF.MASC=1 comprar.SG.-MID-PF.3MASC  
 “Eu comprei uma certa árvore para mim”
- (13) filaa takka-n=in pidǰ-af-ay  
 pente INDEF-P=1 comprar.SG-MID-PF.3MASC  
 “Eu comprei um certo pente para mim”

(ORKAYDO, 2013, p. 94)

Os dados que ilustram essa seção evidenciam uma profunda relação entre a marcação de gênero gramatical e a leitura quantificada dos nomes em línguas geneticamente diversas. Na seção seguinte, apresentaremos uma proposta de formalização de individuação que leva em conta a estrutura interna dos nominais, a qual possibilita um a relação estrutural entre gênero e quantificação.

### 3 Argumentos para uma formalização de individuação como aspecto nominal

As discussões exploratórias feitas até aqui ganham corpo no contexto de uma abordagem gramatical formal para gênero, pois motivam o estabelecimento de critérios que justificam a associação dessa categoria aos traços relevantes para a composição de individuação. Um modelo minimalista da Gramática Gerativa (CHOMSKY, 2000, 2008) fornece instrumentos ótimos para a construção da gramática de gênero, pois é proposto na literatura serem os traços propriedades atômicas da gramática da língua (ADGER; SVENONIUS, 2010; CARVALHO, 2012).

Dessa forma, a Gramática Universal deve atender de forma unificada à generalidade transmodular da linguagem humana, fornecendo insumo para a construção da gramática das línguas, os *traços-phi*, que são manipuláveis por qualquer dos módulos da gramática (morfologia, sintaxe, semântica) e operados a partir do léxico. A esse modelo, dá-se o nome de Teoria-phi (HARBOU; ADGER; BÉJAR, 2008).

Cowper e Hall (2009), a partir de uma Teoria-phi, dão pistas de que individuação pode ser compreendida como aspecto nominal, propondo uma hierarquia de quantificação. Os autores atribuem pelos menos os traços em (14), relevantes para o campo semântico de individuação e número, à Gramática Universal:

- (14) #: individuação<sup>19</sup>  
 >1: plural  
 CL: classe

(COWPER; HALL, 2009, p. 27)

<sup>18</sup> Rijkhoff e Seibt (2005) sugerem haver uma simetria entre as categorias *definido* e *indefinido* nos nominais respectivamente às categorias *realis* e *irrealis* no nível da sentença.

<sup>19</sup> No original: #: individualized  
 >1: plural  
 CL: classified

Na notação acima, [#] codifica a individuação, e um valor nominal do qual [#] está ausente de forma contrastante é interpretado como massa; *plural* ([>1]) é semanticamente dependente de [#], sendo interpretável somente em nominais contáveis. Um nominal contável do qual [>1] está ausente de forma contrastiva é interpretada como singular; [CL] é a codificação morfossintática de classe – um traço ou conjunto de traços que especificam uma unidade de individuação.

Como [>1], [CL] é semanticamente dependente de [#], mas elabora a individuação ao longo de uma dimensão diferente. Assim, um nominal é quantificado quando apresenta [#], sua quantificação é especificada quanto a número se apresenta [>1], e tem o tipo de quantificação especificada a partir da presença de [CL].

Os autores ilustram a presença do traço [CL] em halkomelem, língua que apresenta restrições de escopo no uso de marcação de feminino. Wiltschko (2009) demonstra que nessa língua, enquanto o determinante feminino *the* é restrito a nomes femininos, o determinante *te* é compatível com nomes que denotam tanto masculino quanto feminino.

- (15) a. \*ílhtel the swíyeqe  
comer D.FEM homem  
b. ílhtel the slháli  
comer D.FEM mulher  
A mulher está comendo

- (16) a. ílhtel te swíyeqe  
comer D homem  
O homem está comendo  
b. ílhtel te slháli  
comer D mulher  
A mulher está comendo

(WILTSCHKO, 2009, p. 40)

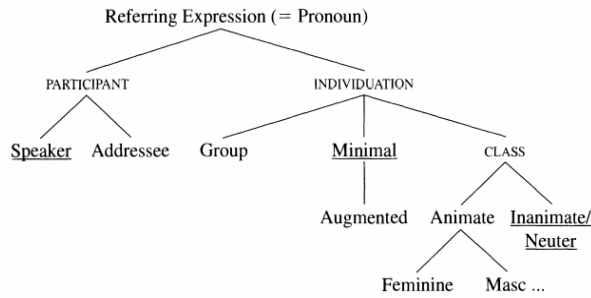
Nos dados em (15) e (16), a marca de gênero funciona como um traço determinante, cuja ausência é não contrastiva (cf. COWPER; HALL, 2009, p. 28). Em outras palavras, a presença de uma marca morfológica de feminino no determinante em halkomelem exprime obrigatoriamente leitura particularizada do nominal.

Cowper e Hall (2009) também observam que línguas que usam classificadores parecem não usar a distinção plural-singular. Em um contexto ideal, esse padrão deve seguir automaticamente as representações de pluralidade e classificação, [>1] e [CL], respectivamente. Assim, os autores propõem que *pluralidade* e *classe* são dimensões diferentes de individuação, da mesma forma que *localização*, *tempo* e *pessoa* são diferentes dimensões de dêixis.<sup>20</sup>

Harley e Ritter (2002) já advogavam que os valores de gênero são traços dominados por uma categoria de individuação, como visto em sua geometria abaixo:

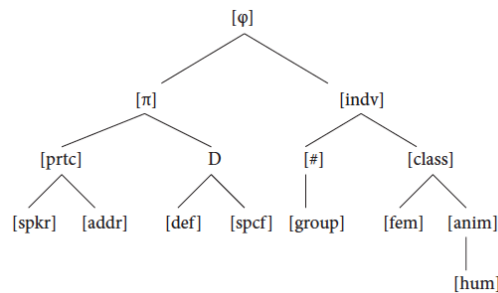
- (17) Geometria de traços (HARLEY; RITTER, 2002, p. 491)

<sup>20</sup> Para uma discussão sobre as dimensões de dêixis a partir de uma Teoria-phi, ver Cerqueira (2019).



Carvalho (2019) revisa a geometria de Harley e Ritter (2002) a partir da análise da concordância de gênero em português, propondo a geometria em (18) para os nominais nessa língua. O nó  $[\varphi]$  representa a configuração gramatical de um nominal. O nó  $[\pi]$  representa a categoria *pessoa*, que é constituída composicionalmente a partir de seus traços dominados. O nó  $[\text{indv}]$  é responsável por individuação nos nominais, que é composta por  $[\#]$ , responsável pela quantificação, e por  $[\text{class}]$ , responsável pela distribuição em classes, cujos valores combináveis podem ser  $[\text{fem}]$ ,  $[\text{anim}]$  e  $[\text{hum}]$ .

(18) Geometria de traços (CARVALHO, 2019)



Carvalho (2019) propõe que na geometria de traços em (18), os traços  $[\text{animate}]$  e  $[\text{human}]$ , valores para as categorias *animacidade* e *humano*, são traços distintivos na interpretação de nominais (ou seja, são traços puramente semânticos).<sup>21</sup> A relevância dos traços  $[\text{definite}]$  e  $[\text{specific}]$ , valores para as categorias *definitude* e *especificidade*, por seu turno, é devida a possibilidade de a leitura binária genérica/não genérica depender exclusivamente da presença/ausência de tais traços.<sup>22</sup>

Uma implicação da geometria proposta por Harley e Ritter (2002) e Carvalho (2019) é que os traços dominados pelo nó *individuação* podem ser interpretados como valores de individuação. Essa interpretação possibilita a associação de diferentes traços na leitura dessa categoria. Assim, faz sentido pensar que da mesma forma que número e seus traços formativos ( $[\#]$ ,  $[\text{group}]$ , para Carvalho (2019); *group*, *minimal*, *augmented*, para Harley e Ritter (2002)) estão subordinados à leitura individuada dos objetos, classe e seus traços formativos ( $[\text{feminino}]$ ,  $[\text{animado}]$ ,  $[\text{humano}]$ , para Carvalho (2019); *animated*, *inanimated/neuter*, *feminine*, *masculine*, para Harley e Ritter (2002)) também são informações relevantes para essa leitura.<sup>23</sup>

<sup>21</sup> Para o propósito do presente trabalho, não discutiremos os possíveis reflexos desses traços na sintaxe. Ver Cyrino (2018) para uma discussão sobre a relevância do traço de animacidade na sintaxe.

<sup>22</sup> Para uma discussão sobre a relevância de  $[\text{definitude}]$  e  $[\text{especificidade}]$  para a sintaxe do português brasileiro, ver Carvalho (2008, 2017) e Cerqueira (2019).

<sup>23</sup> Corbett (2006, p. 70) aponta a relação entre número e animacidade, codificados como os traços dominados por  $[\text{indv}]$  nas geometrias de Harley e Ritter (2002) e Carvalho (2019). O autor nota a tendência de número ser marcado em nomes que aparecem mais alto na Hierarquia de Animacidade proposta por Comrie (1989), ilustrada em (i), pois à medida que avançamos pela hierarquia, a probabilidade de número ser distinguido diminuirá monotonicamente:

(i) 1ª pessoa < 2ª pessoa < 3ª pessoa < nomes pessoais/de parentesco < humanos < animados < inanimados.

Os trabalhos de Müller (2009), Cowper e Hall (2009), Harley e Ritter (2002) e Carvalho (2019) contribuem para a discussão da função de gênero nas línguas naturais no que diz respeito à sua relação com a quantificação dos nominais. Gostaríamos, assim, de propor que as informações que compõem a leitura particularizada de objetos incluem gênero e isso é capturado em sua morfossintaxe.

Mesmo em línguas que não apresentam uma distinção tripartida da categoria gênero, pode-se observar uma categorização de seus valores traçuais. É geralmente assumido que gênero no português é uma categoria bipartida, apresentando masculino e feminino como marcas, que podem aparecer como sufixos ou através de determinantes que acompanham o sintagma nominal.<sup>24</sup> Tanto o singular quanto o plural apresentam marcas para ambos os gêneros, como pode ser visto em (19).

- (19) a. **a** menina/**as** meninas  
b. **o** menino/**os** meninos

Entretanto, como apontam alguns estudos (MÜLLER, 2000; FOLTRAN; RODRIGUES, 2013, RODRIGUES; FOLTRAN, 2015; CARVALHO, 2013, 2016, 2018, 2019), o português apresenta uma neutralização da marcação de gênero em alguns contextos sintáticos que gera uma leitura de espécie em (20) e massa em (21):

- (20) a. A criança é chata.  
b. Criança é chato.  
c. ?Criança é chata.<sup>25</sup>

- (21) a. A cerveja é boa.  
b. Cerveja é bom.  
c. \*Cerveja é boa.

Em (20a), *criança* é um nome feminino que apresenta a terminação *-a*, o que geralmente caracteriza marcação feminina nessa língua. Nomes com marca de feminino engatilham marcação de feminino na concordância nominal, como por exemplo, em predicativos. Entretanto, no exemplo (20b), em que *criança* aparece com leitura genérica, concordância é bloqueada, estabelecendo o que parece ser uma “neutralização” de gênero

<sup>24</sup> Ignoraremos as marcas de gênero no adjetivo e no particípio por considerar que essas marcas são resultado de uma relação de concordância. Deixaremos de lado também o fato de a relação entre determinante e nome estabelecer concordância (de gênero e número). Para uma discussão acerca das relações de concordância de gênero internas ao sintagma nominal/determinante, ver Carvalho (2010, 2011, 2016, 2018, 2019).

<sup>25</sup> Como apontado por um dos pareceristas *ad-hoc*, alguns falantes do PB consideram a sentença em (20c) possível. Como apontado por Carvalho (2018), essa possibilidade pode ser decorrente da presença do traço [humano] na composição de traços de criança, que acionaria algum tipo de especificidade no nome o que causaria maior aceitabilidade da construção. Carvalho (2018), ampliando a leitura de Carvalho (2016a) sobre a complexidade de gênero, sugere que a composição dos traços que compõem a categoria classe, a qual estabelece a leitura de gênero no nominal, pode permitir a aplicação de regras de concordância, e compara esse tipo de dado em (20c) àqueles com nomes inanimados, que reduzem (ou até mesmo impedem) a aceitabilidade da sentença, como nos exemplos em (21). Essa possibilidade parece, entretanto, regulada pelo princípio da minimalidade (RIZZI, 1990), pois, como apontado por outro parecerista, a interveniência de certos elementos entre o sujeito e o predicativo bloqueia leituras aceitáveis com aplicação da regra de concordância, como visto nos exemplos em (i) e (ii) abaixo:

- (i) criança todo dia é chato.  
(ii) \*criança todo dia é chata

desse nome.<sup>26</sup> O mesmo ocorre com *cerveja* em (21), cuja leitura genérica impede o estabelecimento de concordância com o predicado (cf. (21c)). O traço [animate], um dos valores de classe está diretamente associado a gênero (CARVALHO, 2018, 2019), e parece ser o que permite, em algumas variedades do português, a aceitabilidade de (20c).<sup>27</sup>

Mesmo não se enquadrando na dicotomia contável/não-contável, os exemplos em (20-21) parecem reforçar a hipótese de que a distribuição de gênero gramatical tem relação com individuação. Nesse sentido, gênero parece estabelecer uma leitura perspectivizada do nome.<sup>28</sup>

Nesse sentido, retomando a estrutura em (18), podemos representar individuação a partir do acarretamento de seus traços, que podem ser interpretados como componentes do valor aspectual de CONJUNTO, proposto por Rijkhoff. Logo, essa estrutura permite que as leituras quantificada/individuada de objetos estejam sujeitas às categorias número e classe e, conseqüentemente, a seus traços formativos ([#], [group], [fem], [anim], [hum]). Assim, os dados em (5), por exemplo, podem ser analisados como (22):

- |      |                             |                                  |
|------|-----------------------------|----------------------------------|
| (22) | gato [indv[#][class[anim]]] | gata [indv[#][class[fem][anim]]] |
|      | escopo: [-perspectivizado]  | escopo: [+perspectivizado]       |

Faça-se aqui uma diferenciação entre a quantificação proporcionada por número e a proporcionada por gênero: enquanto número estabelece uma distinção entre singular e não singular, gênero estabelece uma distinção de caráter distributivo. É, portanto, neste aspecto quantitativo que gênero se aproxima de número.

Para finalizar, gostaríamos propor que gênero gramatical não é um primitivo dos nominais, mas sim um objeto de ordem funcional e isso pode ser observado nas relações sintáticas do nome. Kučerová (2018), por exemplo, em uma análise sintática independente, chega a conclusões semelhantes ao observar o comportamento da marcação de gênero em dialetos do italiano. A partir da ideia de Herança de Traços (*Feature Inheritance* – CHOMSKY, 2008), a autora assume que a marcação gramatical de gênero é "herdada" do elemento funcional D(eterminante), que é o elemento introdutor dos valores de [ϕ] na derivação sintática.

Ritter (1993), por seu turno, propõe que gênero é uma instância de variação e é gerado em *Num* – uma categoria funcional dissociada da raiz nominal que codifica número –, podendo ser anexado a esse nome através de estratégias sintáticas (movimento de núcleo).

Não proporemos nesse trabalho a derivação sintática dos elementos nominais aqui analisados. Entretanto, as propostas de Kučerová e Ritter dialogam com nossa proposta de que gênero (e seus traços componentes) desempenha um papel funcional nas línguas que vai além do papel de concordância, papel esse compartilhado com número (o que é possível inferir a partir da análise de Ritter).

Assim, a análise aqui esboçada evidencia um desdobramento de individuação, no qual gênero é compreendido como elemento que "quantitativamente [define] mais precisamente

<sup>26</sup> Parece óbvio que a presença/ausência do determinante no exemplo do português em (20) e (21) interfere na leitura definida/arbitrária do nome. Esse detalhe será deixado de lado aqui para fins de nossa discussão. Uma análise da presença do determinante em dados como esse é feita nos trabalhos de Carvalho (2016b, 2018), em que o autor associa a marcação de gênero a outras categorias nominais (definitude e especificidade) no licenciamento da concordância nominal e no licenciamento da anáfora pronominal de terceira pessoa.

<sup>27</sup> Para um panorama das propostas sobre a sintaxe das construções panquecas no português, ver Siqueira (2017).

<sup>28</sup> Weber (2000) assume que a função aspectual de perspectivização é proporcionado por gênero em uma análise diacrônica do surgimento dos artigos definidos no alemão. Entretanto, a partir dos argumentos apresentados em nossa discussão, podemos observar que essa leitura pode ser estendida à manifestação do gênero gramatical nas línguas que o manifestam.



quantidade”, como alvitrado por Weber (2000, p. 506), e número como um dispositivo gramatical para a distribuição da quantificação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, discutiu-se sobre o papel da categoria gênero gramatical, baseando-se na predição de que, ao lado de número, essa categoria tem papel fundamental na distribuição dos nomes.

A partir da revisão da proposta de traços aspectuais dos nominais de Rijkhoff (1991, 2002), de que há nas línguas três aspectos nominais a partir das categorias cognitivas FORMA e ESTRUTURA, a saber: conceptual, massa e conjunto, podendo este último ter os valores individuado e coletivo, assumiu-se, com base em Rijkhoff (1991), Cowper e Hall (2009) e Carvalho (2019), uma hierarquia de traços para individuação, haja vista gênero gramatical funcionar como realização aspectual nas línguas.

Ficou ainda assente que o gênero marcado (nos dados apresentados interlinguisticamente, o feminino) estabelece leitura mais particularizada ou cumulativa dos objetos, enquanto a não marcação de gênero (masculino/neutro) corresponde a uma leitura mais genérica ou de espécie.

Para a explicitação das motivações gramaticais, no tocante à função de gênero relacionado à individuação, propôs-se uma configuração léxico-semântica do nominal, da qual as leituras aspectuais e representações morfossintáticas são possíveis.

Conforme o exposto, pode-se apontar que a marca de gênero gramatical nas línguas representa uma perspectivização dos objetos, possibilitando leituras mais ou menos particularizadas, diferenciando-se, assim, da função de número, sendo, todavia, uma outra face da quantificação<sup>29</sup>.

## REFERÊNCIAS

HARBOUR, David; ADGER, Daniel; BÉJAR, Susana. (eds.). **Phi-Theory: Phi-Features Across Modules and Interfaces**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

ADGER, David; SVENONIUS, Peter. Features in minimalist syntax. In: BOECKX, Cedric. (ed.). **The Oxford Handbook of Linguistic Minimalism**. Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 27-51.

AIKHENVALD, Alexandra Y. **How gender shapes the world**. Oxford: Oxford University Press, 2016. DOI: 10.1093/acprof:oso/9780198723752.001.0001

BRUGMANN, Karl. **The Nature and Origin of the Noun Genders in the Indo-European Languages**. Trad. Edmund Y. Robbins. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1897.

CARVALHO, Danniell da Silva. On gender agreement in Brazilian Portuguese. In: MATHIEU, Eric; DALI, Myriam; ZAREIKAR, Gita. (eds.). **Gender and Noun Classification**. 1ed. Oxford: Oxford University Press, 2019, p. 136-158. DOI: 10.1093/oso/9780198828105.003.0007

---

<sup>29</sup> Em comentário, um parecerista afirmou que não conseguia entender a relação entre gênero e quantificação/leitura individuada, tomando como aporte a lógica. O aparente problema parece ser esclarecido pelo fato de que, a partir das propostas adotadas como fundamentação para a discussão exploratória nesse artigo, individuação é a condição lógica para quantificação (cf. nota 15)

CARVALHO, Dannel da Silva. O traço de gênero na morfossintaxe do português. **DELTA**. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada 34, p. 635-660, 2018. DOI: 10.1590/0102-445008104720040323

CARVALHO, Dannel da Silva. Remarks on the complexity of gender. **Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem** 2(1), p. 10-19, 2016a.

CARVALHO, Dannel da Silva. Concordância fracassada é, na verdade, relativização de traços. In: PILATI, Eloisa N.S. (ed.) **Temas em teoria gerativa: homenagem a Lucia Lobato**. Curitiba, PR: Blanche, 2016b, p. 103-129.

CARVALHO, Dannel da Silva. Sobre pessoa e referencialidade no português. **Revista Letras** 9, p. 11-157, 2015. DOI: 10.5380/rel.v9i10.39836

CARVALHO, Dannel da Silva. Algumas considerações sobre a morfossintaxe de gênero. **Estudos Linguísticos e Literários** 47, p. 30-46, 2013.

CARVALHO, Dannel da Silva. Sincretismo, subespecificação de traços e a sintaxe de gênero em uma comunidade do português afro-brasileiro: um estudo de caso. **Papia** (Brasília) 21(1), p. 83-97, 2011.

CARVALHO, Dannel da Silva. Traços. In: FERRARI NETO, José; SILVA, Cláudia Roberta Tavares. (eds.). **Programa Minimalista em Foco: princípios e debates**. Curitiba: Editora CRV, 2012, p. 113-132.

CARVALHO, Dannel da Silva. Geometria de traços e a sintaxe de pronomes no português brasileiro. In **Textos Seleccionados do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. Lisboa: Tipografia Nunes Lda, 2010, p. 245-261.

CARVALHO, Dannel da Silva. **A estrutura interna dos pronomes pessoais em português brasileiro**. 158f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, 2008.

CARVALHO, Dannel da Silva; BRITO, Dorothy Bezerra Silva de; FARIAS, Jair Gomes de. Individuação, aspecto nominal e a função de gênero nas línguas naturais. In: CARVALHO, Dannel da Silva; BRITO, Dorothy Bezerra Silva de. (eds.). **Gênero e Língua(gem): teoria e prática**. Salvador: EDUFBA, 2020, p. 295-318.

CARVALHO, Dannel da Silva; BRITO, Dorothy Bezerra Silva de; FARIAS, Jair Gomes de. Notas sobre el aspecto del género gramatical. **Revista Argentina de Ciencias del Comportamiento** (RACC), no prelo.

CERQUEIRA, Fernanda de O. **O pronome pleno de terceira pessoa: estrutura interna e relações referenciais**. 152f. Doutorado em Linguística – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

CHOMSKY, Noam. On Phases. In: FREIDIN, Robert; OTERO, Carlos P.; ZUBIZARRETA, María Luisa. (eds.). **Foundational Issues in Linguistic Theory**. Cambridge, MA: MIT Press: p. 133-166, 2008.

CHOMSKY, Noam. Minimalist Inquiries: The Framework. In: MARTIN, R.; MICHAELS, D.; URIAGEREKA, J.; KEYSER, S. J. (eds.). **Step by Step**. Essays on Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik. Cambridge, MA: MIT Press, 2000, p. 89-155.

CORBETT, Greville G. **Number**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. DOI: 10.1017/CBO9781139164344

CORBETT, Greville G. **Gender**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. DOI: 10.1017/CBO9781139166119

COMRIE, Bernard. **Language universals and linguistic typology**. 2. ed. Oxford: Basil Blackwell, 1989.

COWPER, Elizabeth; HALL, Daniel. Aspects of individuation. In: **Count and mass across languages**. In: MASSAM, D. (ed.). Oxford: Oxford University Press, 2009, p. 27-53. DOI: 10.1093/acprof:oso/9780199654277.003.0003

CYRINO, S. Animacidade na sintaxe: uma abordagem formal. **Revista da Anpoll** 46(1), p. 222-238, 2018, Florianópolis, Maio/Ago. DOI: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i46.1066>

DIXON, Robert M. W. **Where Have All the Adjectives Gone?** and other Essays in Semantics and Syntax. Berlin: Mouton de Gruyter, 1982. DOI: 10.1515/9783110822939

DRYER, Matthew S.; HASPELMATH, Martin. (eds.) **The World Atlas of Language Structures Online**. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013. (Disponível online em <http://wals.info>. Acessado em 27 de abril de 2020)

FEHRI, Abdelkader Fassi. Multiples facets of constructional Arabic gender and 'functional universalism' in the DP. In: MATHIEU, Eric; DALI, Myriam; ZAREIKAR, Gita. (Org.). **Gender and Noun Classification**. Oxford: Oxford University Press, 2019, p. 67-92. DOI: 10.1093/oso/9780198828105.001.0001

FILIP, Hana. Nominal and verbal semantic structure: analogies and interactions. **Language Sciences** 23, p. 453-501, 2001. DOI: 10.1016/S0388-0001(00)00033-4

FOLTRAN, Maria José; RODRIGUES, Patrícia. On denoting Abstract Entities. **Revista da ABRALIN**, v.12, n.1, p. 269-291, jan./jun., 2013. DOI: 10.5380/rabl.v12i1.32834

FRIEDRICH, Paul. Shape in grammar. **Language** 46(2), 1970, p. 379-407. DOI: 10.2307/412285

GYGAX, Pascal Mark; ELMIGER, Daniel; ZUFFEREY, Sandrine; GARNHAM, Alan; SCZESNY, Sabine; VON STOCKHAUSEN, Lisa; BRAUN, Friederike; OAKHILL, Jane. A Language Index of Grammatical Gender Dimensions to Study the Impact of Grammatical Gender on the Way We Perceive Women and Men. **Frontiers in Psychology** 10(1604), 2019, p. 1-6. DOI: 10.3389/fpsyg.2019.01604

GREENBERG, Joseph H. How does a language acquire gender markers? In: GREENBERG, Joseph H. (ed.) **Universals of Human Language**. Vol 3 – Word Structure. Stanford: Stanford University Press, 1978, p. 47-82.

GREENBERG, Joseph H. Some Universals of Grammar with Particular Reference to the Order of Meaningful Elements. In: GREENBERG, Joseph H. (ed.). **Universals of Human Language**. Cambridge, Massachusetts/London, England: MIT Press. p.73-113, 1963.

HALE, Kenneth. Some observations on the contributions of local languages to linguistic science. **Lingua** 100, 1997, p. 71–89. DOI: [10.1016/S0024-3841\(96\)00029-0](https://doi.org/10.1016/S0024-3841(96)00029-0)

HARLEY, Heidi; RITTER, Elizabeth. Person and number in pronouns: a feature-geometric analysis. **Language** 78, pp. 482-526, 2002. DOI: [10.1353/lan.2002.0158](https://doi.org/10.1353/lan.2002.0158)

KUČEROVÁ, Ivona.  $\phi$ -Features at the Syntax-Semantics Interface: Evidence from Nominal Inflection. **Linguistic Inquiry** 49(4), p. 813-845, 2018. DOI: [10.1162/ling\\_a\\_00290](https://doi.org/10.1162/ling_a_00290)

MEILLET, Antoine. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Champion, 1982 [1921].

MOUS, Maarten. (2008). Number as an exponent of gender in Cushitic. In: FRAJZYNGIER, Zygmunt; SHAY, Erin. (eds.). **Interaction of morphology and syntax: Case studies in Afroasiatic** (Typological Studies in Language 75). Amsterdam: John Benjamins, 2008, p. 137-160. DOI: [10.1075/tsl.75](https://doi.org/10.1075/tsl.75)

MÜLLER, Ana. Variação semântica: individuação e número na língua Karitiana. **Estudos Linguísticos** (São Paulo) 38, p. 295-308, 2009.

MÜLLER, Ana. Sentenças genericamente quantificadas e expressões de referência a espécies no português do Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos** (UNICAMP), Campinas 39, p. 141-158, 2000. DOI: [10.20396/cel.v39i0.8636942](https://doi.org/10.20396/cel.v39i0.8636942)

ORKAYDO, Ongaye Oda. **A grammar of Konso**. Utrecht: LOT, 2013.

RIJKHOFF, Jan. Nominal aspect. **Journal of Semantics** 8(4), p. 291-309, 1991. DOI: [10.1093/jos/8.4.291](https://doi.org/10.1093/jos/8.4.291)

RIJKHOFF, Jan. **The noun phrase**. Oxford: Oxford University Press, 2002. DOI: [10.1093/acprof:oso/9780198237822.001.0001](https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780198237822.001.0001)

RIJKHOFF, Jan; SEIBT, Johanna. Mood, definiteness and specificity: a linguistic and a philosophical account of their similarities and differences. **Tidsskrift for Sprogforskning** 3(2), p. 85-132, 2005.

RITTER, Elizabeth. Where's gender? **Linguistic Inquiry** 24(4), p. 795-803, 1993.

RIZZI, Luigi. **Relativized Minimality**. The MIT Press, Cambridge, Massachusetts, 1990.

RODRIGUES, Patrícia; FOLTRAN, Maria José. Small Nominals in Brazilian Portuguese Copular Constructions. **Journal of Portuguese Linguistics** 14(1), 129–147, 2015. DOI: [10.5334/jpl.60](https://doi.org/10.5334/jpl.60)

TSEGAYE, Mulugeta Tarekegne. **Plural gender: Behavioral evidence for plural as a value of Cushitic gender with reference to Konso**. Utrecht: LOT, 2017.

TSEGAYE, Mulugeta Tarekegne; MOUS, Maarten & SCHILLER, Niels O. Plural as a value of Cushitic gender: Evidence from gender congruency effect experiments in Konso (Cushitic). In: CORBETT, Greville G. (ed.). **The Expression of Gender**. Berlin/New York: De Gruyter, 2014, p. 191-214. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110307337.191>

VOGEL, Petra Maria. Nominal abstracts and gender in Modern German: A "quantitative" approach towards the function of gender. In: UNTERBECK, Barbara; RISSANEN, Matti; NEVALAINEN, Terttu; SAARI, Mirja. (eds.). **Gender in Grammar and Cognition**. Vol. I & II. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2000, p. 461-493. DOI: [10.1515/9783110802603.461](https://doi.org/10.1515/9783110802603.461)

WEBER, Doris. On the function of gender. In: UNTERBECK, Barbara; RISSANEN, Matti; NEVALAINEN, Terttu; SAARI, Mirja (eds.). **Gender in Grammar and Cognition**. Vol. I & II. 1ed. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2000, p. 495-509. DOI: [10.1515/9783110802603.495](https://doi.org/10.1515/9783110802603.495)

WILTSCHKO, Martina. What's in a determiner and how did it get there? In: GHOMESHI, Jila; PAUL, Ileana; WILTSCHKO, Martina (eds.). **Determiners: Universals and Variation**. Amsterdam: John Benjamins, 2009, p. 25-66. DOI: [10.1075/la.147.01wil](https://doi.org/10.1075/la.147.01wil)